



IDOSO

//NOTÍCIAS DA IMPRENSA

Idosos aprendem a usar computador e se conectam com o mundo

Aulas de informática são oferecidas pela Fatec de Garça. O curso é realizado as terças e quintas-feiras, a partir das 15h.

Fonte: G1 Bauru e Marília – não encontrado – 05/12/2015



Idosas fazem curso de informática em Garça (Foto: Reprodução/TV TEM)

O estereótipo dos avós vem mudando drasticamente ao longo dos anos. A ideia de velhinhos fazendo crochê e levando os netinhos na praça está dando lugar a mulheres e homens experientes e antenados. Esses idosos agora querem aprender a acessar a internet e se conectar com o mundo.

Aos 83 anos, a aposentada Ernestina Lanzi Gonzaga já não enxerga como antes. Mas, com a ajuda dos óculos, ela consegue ampliar seu conhecimento de uma forma nova. O tricô fica guardado em um quartinho e Ernestina fica na sala, usando o computador. Essa tem sido a rotina da aposentada, que descobriu uma nova maneira de se comunicar.

“Eu sempre gostei de trabalho manual, mas agora estou um pouco impossibilitada de fazer, faço pouquíssimo, então vou para o computador, fico mandando mensagens, as vezes fico estudando um pouco, procurando algo ou mandando mensagens para as colegas”, contou a idosa.

Para manter-se atualizada, Ernestina pega o ônibus duas vezes por semana para estudar e, mesmo andando devagar, não desiste. As terças e quintas-feiras, um grupo de idosos se encontra no curso de informática, oferecido de graça por uma faculdade de tecnologia de Garça.

Cleusa Gaspar Lopes, por exemplo, encontrou no computador a independência depois dos 60 anos. “Eu tenho muita necessidade de fazer textos, gosto de pesquisas e eu não sabia fazer isso. Eu dependia do meu marido para fazer e agora eu já consigo fazer sozinha”.

Para o monitor da turma, Rafael de Carvalho Andriollo, a força de vontade dos alunos impressiona. “Nós vemos que a vontade deles é muito maior de que qualquer outro aluno comum que estamos



Prezado(a),
para preservar as informações contidas no periódico,
é necessário estar logado na intranet para carregar os links.

ÍNDICE

IDOSO

Notícias da Imprensa	fl.01
Notícias do Judiciário	fl.07
Notícias do Legislativo	fl.07

PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Notícias da Imprensa	fl.08
Notícias do Judiciário	fl.13
Notícias do Legislativo	fl.14

EXPEDIENTE

Centro de Apoio Operacional das
Promotorias de Justiça de Proteção
ao Idoso e à Pessoa com Deficiência

Av. Marechal Câmara, 370 - 6º andar
Centro - CEP 20020-080
Telefones: 2215-6326 | 2215-6112
E-mail: caoidosopdef@mprj.mp.br

Coordenador
Luiz Cláudio Carvalho de Almeida

Subcoordenador
Rafael Luiz Lemos de Sousa

Servidores
Alexandre Cavassoni Rosa
Thaiza Marques de Miranda e Silva
Rodrigo Firmino da Silva
Rosemary Rodrigues Cruz

Estagiários
Gabriel Rodrigo Quinto Da Silva
Kaio Sobrinho da Silva

...

Projeto gráfico
STIC - Gerência de Portal
e Programação Visual



acostumados. Os idosos têm muito mais dificuldades, mas eles também têm mais vontade de aprender. Nós vemos que eles são bem mais focados, interessados, vemos a felicidade que eles ficam em aprender uma coisa básica”, disse.

As horas em frente ao computador fazem a aposentada Derci Ferreira de Brito Barreto, de 77 anos, viajar o mundo, mesmo sem sair do lugar. “Visito Portugal, visito a Espanha, sem sair de casa”, conta.

Mesmo diante das dificuldades, a força de vontade vem em primeiro lugar. Tempo para aprender eles arrumam. “Não é uma coisa fácil. Às vezes eu não consigo entrar e não sei por que, não conheço tudo do computador. Estou aprendendo ainda e vou aprender muito mais”, afirmou Ernestina.

As aulas de informática são oferecidas pela Fatec de Garça, às terças e quintas-feiras, a partir das 15h. Mais informações pelo telefone (14) 3471-4723.

Projeto em Rio das Ostras atende dois mil idosos por mês

Feliz Idade oferece 10 oficinas que vão desde letramento à dança.

Fonte: O Globo – não encontrado – 07/12/2015

RIO DAS OSTRAS — Todos os dias, o Parque da Cidade, em Nova Cidade, Rio das Ostras, é tomado por centenas de cabeças grisalhas. No local, funciona o Centro do Idoso, responsável pelo projeto Feliz Idade, que oferece dez oficinas para idosos do município.

A iniciativa é da Secretaria municipal de Bem-Estar Social e atende cerca de duas mil pessoas por mês. Os acolhidos pelo programa recebem atenção de fisioterapeutas, professores de educação física, psicólogos e até orientadores sociais.

Entre as atividades disponíveis, há aulas de dança sênior e folclórica, oficina da memória, zumba, alongamento, fisioterapia preventiva, hidroginástica, música e academia.

Aos 102 anos, Florisbela Lessa faz questão de estar sempre presente.

— Fico chateada quando não me chamam para alguma apresentação. Sou porta-bandeira, e não gosto de dançar trechos pequenos — reclama.

Também há casos nítidos de melhora clínica entre os participantes. Ao chegar ao Feliz Idade, há oito anos, Eunice dos Reis, de 65 anos, tinha acabado de sofrer um AVC e já apresentava os primeiros sintomas do Parkinson:

— Quando cheguei aqui, não conseguia andar direito. Hoje sou eu que faço as fantasias do grupo de dança.

Os interessados devem buscar o Centro do Idoso, no Parque da Cidade, que fica na Rua Três Marias. Outras informações pelo telefone 2771-2709.

Coral de idosos resgata sociabilização dos participantes em Petrópolis, RJ

Pro Tempore tem 15 anos e é um dos corais mais importantes da cidade. Grupo é formado por 26 pessoas e canta do samba de raiz ao erudito.

Fonte: G1 Região Serrana – Bruno Rodrigues – 14/12/2015



Coral Pro Tempore é destaque no município (Foto: Divulgação/Canta Petrópolis)

A iniciativa surgiu há 15 anos com o objetivo de reunir idosos para uma vida mais ativa. De lá para cá, o Coral Pro Tempore cresceu, se consolidou e hoje é considerado um dos mais importantes de Petrópolis, na Região Serrana do Rio. Atualmente composto por 26 pessoas, o grupo, além de integrar os participantes, também contribui para sociabilização e fortalecimento dos laços afetivos. Regido pelo maestro Paulo Afonso Filho, também fundador, o grupo apresenta um repertório que vai do samba de raiz ao erudito.

O Pro Tempore surgiu no ano 2000. Na época, o então supervisor de cultura, Calau Lopez, solicitou um projeto de integração da terceira idade. Para sua surpresa, Paulo Afonso guardava consigo um projeto pronto, que contemplava o grupo e garantia a participação da terceira idade na rotina cultural do município. E a resposta foi imediata: as inscrições surpreenderam e a garra e dedicação dos participantes garantiu participação em eventos com menos de um ano de ensaio.

“Gosto de dizer que o coral é um resgate do que já fizeram em resposta ao que já deram. Este trabalho exige muita paciência, sim, mas também é recompensador o tratamento e o carinho que cada um deles têm pelo que faz aqui. É um envolvimento intenso e gosto de pensar que eles são membros da minha família”, destacou o maestro.

Mãe do maestro, Teresa Santos tem 75 anos e conta que não tem privilégios dentro do coro. Emocionada ela relembra a história de sua infância, quando as mulheres que cantavam não eram bem vistas pela sociedade, um sonho que só pôde realizar anos depois, regida pelo próprio filho.

“É uma alegria dupla para mim. Lembro que quando jovem cantava nos intervalos do trabalho para os meus colegas. Sempre gostei muito disso, mas, infelizmente, as coisas não eram como hoje e tudo era muito restrito, principalmente no meio artístico. Hoje em dia sou uma pessoa realizada e feliz. Cantar é algo que me emociona muito, ainda mais com meu filho à frente do grupo. Era uma alegria que eu precisava ter na vida e conquistei”, diz Teresa.

O Pro Tempore se apresenta na próxima sexta-feira (18) a partir das 17h na abertura da programação de Natal de São José do Vale do Rio Preto. Já no dia 22, a partir das 20h o grupo participa do Concerto de Natal do Coral Integração na Igreja do Rosário.

O coral da saudade

Quem também participa do coral desde a sua fundação é Valdir Marculino. Aos 71 anos, ele conta que, quando mais jovem, chegou a participar de três corais ao mesmo tempo, mas que, com o passar dos anos, optou por ficar só no Pro Tempore já que os membros tem a mesma média de idade que ele.

“Acaba que temos os mesmos ideais, a mesma forma de pensar. Acabamos virando uma grande família e é isso que fica. Lembro de todas as pessoas que conheci aqui e sinto falta daquelas já que se foram como a Maria Serrati, o Gerônimo e a Eunira, por exemplo. Foram laços construídos com muito carinho”, desabafa.

Segundo o maestro, cada vez que uma pessoa parte, uma voz se cala. Ele conta que é sempre uma perda lastimável para todo o grupo e que a falta é sentida como alguém da família.

Novos propósitos

Há cinco meses participando do coral, Marília Mirros Rubin tem 78 anos e buscou no grupo uma forma de continuar atuante em sociedade. Ela conta que perdeu o marido a cerca de um ano e resolveu que não viveria com ninguém.

“Eu não queria dar trabalho, mas tinha que me ocupar de uma nova forma. Foi aí que vim para Petrópolis, fiz uma amiga que me trouxe para o coral e aqui estou. Fiz outras amizades e achei um novo sentido para seguir em frente. Sem dúvida foi a opção mais correta que poderia fazer. Consegui reencontra a felicidade”, contou Marília emocionada.

Marli Angelo, de 64 anos, viu no coral uma forma de extravasar. Ligada a assuntos relacionados a arte, ela busca pôr para fora as frustrações e problemas do dia a dia. Para ela, o refúgio do coral é um incentivo. Já Geralda Nascimento, de 76 anos, há 15 no grupo, conta que também participa do coral desde o início. Para ela, a simetria da idade é o mais importante porque consegue manter relações assertiva.

“Embora de vez em quando tenhamos alguns conflitos, gostando de enxergar como algo que nos fortalece. As apresentações são fundamentais para gente. Gostamos de cantar e ficamos emocionados com os resultados. Além disso, criamos vínculos com as pessoas e temos o convívio semanal essencial para o bom trabalho em grupo. Sem dúvidas, me sinto realizada participando desse grupo”, finalizou.

Quem tiver interesse em participar do coral pode se inscrever no horário dos ensaios do grupo, que acontecem nas segundas e quartas, de 14h às 16h, no Centro de Cultura Raul de Leoni.

Estudo revela por que vacina contra a gripe é menos eficaz em idosos

Abordagem experimental permitirá futuros estudos de outras infecções virais, tais como Herpes Zoster e febre amarela.

Fonte: O Globo – Cesar Baima – 15/12/2015

RIO — Uma das populações mais vulneráveis a complicações decorrentes da gripe, os idosos também costumam ter uma resposta menos eficaz às vacinas sazonais contra a doença, assim como a outros imunizantes. As razões disso ainda são um mistério para os cientistas, mas agora um novo estudo, com participação de um pesquisador brasileiro, pode ajudar a revelar não só por que isso acontece como prever logo cedo se a vacina terá o efeito imunizante de longo prazo.

No estudo, que usou ferramentas de biologia molecular, genômica e bioinformática, os pesquisadores liderados por Bali Pulendran, da Universidade Emory, nos EUA, analisaram o sangue de 212 voluntários, dos quais 54 tinham mais de 65 anos, em diferentes momentos após receberem a vacina contra a gripe ao longo de cinco temporadas consecutivas de imunização, entre 2007 e 2011, além de dados

semelhantes sobre outros 218 indivíduos de experimento anterior. Com isso, eles puderam identificar “assinaturas” moleculares comuns nas respostas imunológicas de jovens e idosos ao procedimento, que apresentaram diferenças sutis que podem explicar a menor eficácia das vacinas nos mais velhos e apontar já no dia seguinte à imunização quem estará mais protegido da doença quatro semanas depois, com um acerto de cerca de 80%.

Segundo os pesquisadores, logo após a administração da vacina o corpo convoca à ação células de defesa do chamado sistema imune inato, de atuação mais rápida, mas inespecífica, isto é, contra qualquer tipo de micro-organismo ou substância invasora. Entre estas células estão os chamados monócitos, que quando chegam aos tecidos passam a ser denominados macrófagos e são responsáveis pela fagocitose ou digestão de partículas estranhas ao corpo, gerando processos inflamatórios.

— Observamos que dentro destas células determinados conjuntos de genes são ativados e que esta ativação está relacionada com uma boa resposta de anticorpos lá na frente — conta Helder Nakaya, professor da Escola de Ciências Farmacêuticas da USP, do Departamento de Patologia em Emory e primeiro autor de artigo sobre o estudo, publicado na edição desta terça-feira do periódico científico “Immunity”. — Com esta reação de um dia, podemos prever o nível de proteção que a pessoa terá contra a doença um mês depois, e em geral os indivíduos mais velhos apresentaram uma ativação menor destes genes dos monócitos.

Além disso, uma semana após a aplicação da vacina, o sangue dos idosos apresentava uma contagem alta de monócitos, enquanto o dos mais jovens tinha níveis maiores dos chamados leucócitos B, células especializadas do sistema imune adaptativo que se “lembram” de contatos anteriores com determinado micro-organismo invasor e produzem anticorpos contra ele.

Ainda logo depois da vacinação, o corpo convoca outro tipo de célula de defesa conhecido como leucócito “assassino natural”, também integrante do sistema imune inato. E aqui os pesquisadores encontraram outra pequena diferença na resposta imunológica dos voluntários mais jovens e dos mais velhos. De acordo com as análises, o sangue dos idosos apresenta uma contagem maior destas células, algo como se seus corpos usassem mais a resposta inata para se protegerem justamente porque a reação de seu sistema adaptativo é mais fraca.

— Juntos, estes resultados sugerem potenciais mecanismos com os quais mudanças na reação inata dos idosos podem resultar em uma resposta reduzida de anticorpos à vacinação — resume Shankar Subramaniam, professor da Universidade da Califórnia em San Diego e coautor sênior do estudo.

Segundo os pesquisadores, as descobertas podem guiar o desenvolvimento de novas gerações de vacinas e metodologias que forneçam imunidade maior e mais prolongada às pessoas, especialmente para populações de maior risco como os idosos. Eles também pretendem estudar se as mesmas diferenças de reação são observadas com imunizantes para outros vírus, como da herpes-zóster e da febre amarela.

— Embora ainda seja muito cedo para sugerir, abordagens suplementares, como reduzir a resposta inflamatória de pacientes idosos após a vacinação, podem ser caminhos valiosos a se seguir, mas isso vai exigir pesquisas mais longas e detalhadas — conclui Subramaniam.

Em RO, idosos melhoram qualidade de vida com a prática de taekwondo

Projeto é mantido pelo Centro de Referência de Assistência Social e coordenado pelo professor de taekwondo, Antônio Teles, que iniciou as atividades como experimento.

Fonte: G1 – *Eu Atleta* – Rogério Aderbal – 25/12/2015

Desde o começo deste ano, um grupo de idosos de Seringueiras, na região do Vale do Guaporé, em Rondônia, adotou as artes marciais para vencer o sedentarismo e adquirir qualidade de vida. O projeto é mantido pelo Centro de Referência de Assistência Social (Cras) e coordenado pelo professor de taekwondo, Antônio Teles, de 41 anos, que iniciou as atividades como experimento.

Uma das alunas é Maria do Socorro Leite, de 68 anos. Viúva e com alguns problemas de saúde, resolveu mudar de vida. E isso, ela garante que conseguiu depois que entrou no projeto. Teve um ganho de qualidade gigantesco.

- No começo, eu tinha muito medo, pois tenho muitos problemas de coluna e tinha dificuldades até para abaixar e levar as mãos até os joelhos. Agora consigo fazer todos os serviços de casa, coisa que não fazia por causa das dores no corpo - garante Maria do Socorro.

A aposentada conta ainda que evolução apresentada por ela foi tão grande que a família ficou surpresa.

- Quando falava dos exercícios que faço durante as aulas minha família não acreditava. Até o dia em que meu filho foi a uma confraternização de fim de ano e no telão estava passando algumas das atividades praticadas por nós. Ele ficou tão surpreso que me deu os parabéns pela disposição. Por isso recomendo para quem ainda não faz exercícios que procure alguma atividade ligada as artes marciais, por que o resultado é inacreditável - aponta.

Teles conta que ensina taekwondo desde o ano de 1997, mas esta é a primeira vez que trabalha com idosos. Com o novo grupo de alunos, precisou readaptar algumas técnicas. Ele conta que apenas três alunos começaram e por isso chegou a pensar que não daria certo. Hoje, o grupo tem cerca de 20 idosos que participam de todas as atividades.

- Como a maior parte estava há muito tempo parada, ou nunca tinha feito exercício físico, no começo tivemos bastantes dificuldades com a realização de algumas atividades. Mas aos poucos eles foram entrando no ritmo e hoje é moleza trabalhar com eles - diz.

O grupo se reúne uma vez por semana, com cerca de uma hora de exercícios que visam melhorar a coordenação motora e parte física dos participantes. E os resultados já começam aparecer, segundo o professor.

- Estou muito satisfeito com trabalho, porque vejo que está correspondendo às minhas expectativas. Isso porque no começo a maioria tinha dificuldades até para se deitar e levantar sozinhos. Exemplo é uma senhora que tem pouco mais de 80 anos, e esses dias ela tropeçou e caiu na rua, com a queda machucou um dos braços, mas conseguiu se levantar sozinha. Depois ela me contou que antes jamais conseguiria se levantar sozinha e caminhar até em casa. Isso me deixa muito feliz - relata.

Quem também recomenda a prática de artes marciais como forma de manter corpo e mente equilibrados é o médico Claudemir Borghi, que avalia a iniciativa como fantástica.

- Essa é uma excelente iniciativa, tendo em vista que a prática de artes marciais quando realizada dentro das regras e respeitando os limites do corpo, faz um bem incomparável para a saúde, principalmente para idosos, mesmo porque eles precisam de exercícios físicos. Caso contrário, vão entrear e desenvolver várias doenças por falta de qualidade de vida - explica.

Com assistência domiciliar, idosos passam Natal em casa

Amélia é atendida por uma fisioterapeuta, na presença da filha.

Fonte: *Extra* – Célia Costa (O Globo) – 25/12/2015



Amélia é atendida por uma fisioterapeuta, na presença da filha Foto: O Globo / Fernando Lemos

RIO - O Natal para uma família portuguesa será ainda mais especial este ano. Amélia Mateus Costa, moradora de Inhaúma, sempre foi uma pessoa animada e, como matriarca, comandava o preparo dos quitutes para a ceia, mesmo já idosa. No último dia 17, a mulher, de 95 anos, levantou-se de madrugada para ir ao banheiro, não pediu ajuda à filha e acabou levando um tombo. Com fratura de fêmur, ela foi submetida a uma cirurgia no Hospital Salgado Filho, no Méier. A filha, Constança Mateus Costa, de 64 anos, chegou a pensar que a mãe ficaria internada e suspendeu a ceia. Para alegria de todos, Amélia teve alta e está recebendo todos os cuidados necessários em casa, graças ao Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso (Padi), da Secretaria municipal de Saúde.

— Já tínhamos desistido de fazer a ceia aqui em casa. Depois da alta, mudamos o planejamento para os preparativos. Estávamos muito angustiados com a possibilidade de minha mãe ficar num hospital na noite de Natal. Agora, ela estará na companhia dos filhos, netos e bisnetos — comemorou Constança.

Desde que foi iniciado o tratamento domiciliar, segundo a família, Amélia tem melhorado. Ela pode ter lapsos de memória, mas, sempre que reconhece a filha, fica toda feliz. E ainda está com dificuldades de comunicação. No entanto, na hora de reclamar, ela se expressa em alto e bom som.

— Isso até nos diverte — brincou outro filho, o aposentado Joaquim Mateus Costa, de 67 anos.

O Padi tem 16 equipes, que atendem pacientes de seis hospitais de grande porte. Os grupos, multidisciplinares, têm médicos, fisioterapeutas, enfermeiros, técnicos de enfermagem, nutricionistas, assistentes sociais, fonoaudiólogos, psicólogos e dentistas. Segundo levantamento da Secretaria de Saúde, de 2010 até o primeiro semestre deste ano, já foram atendidos 16.115 pacientes. Neste Natal, 102 idosos tiveram a chance de passar a data com a família graças à iniciativa.

O Padi presta serviços prioritariamente a pessoas a partir dos 60 anos, com doenças crônicas que necessitem de cuidados contínuos, possíveis de serem prestados em casa. O programa tem como foco a redução do tempo médio de internação e a liberação de leitos para outros pacientes.

Quem também está comemorando em dobro o Natal é a família de

Valentina Rodrigues, de 64 anos. Moradora do Recreio, ela sofreu um acidente doméstico e teve lesão no tornozelo direito. Após ser operada no Hospital Municipal Lourenço Jorge, na Barra, teve alta para ser atendida pelo Padi. O acompanhamento médico começou no dia 15, com tratamento para a lesão e outros problemas da paciente, como diabetes e pressão alta.

As dificuldades dos idosos que tomam muitos remédios

Pílulas demais em horários diversos confundem usuários.

Fonte: *O Globo* – Paula Span (*The New York Times*) – 29/12/2015

NOVA YORK - “Imagine que seu médico prescreveu esses remédios”, disseram os pesquisadores a pessoas com idades entre 55 e 74 anos que estavam participando de uma experiência em vários centros de saúde de Chicago.

“Por favor, me mostre quando você tomaria esses medicamentos ao longo de um dia.” Depois de ler as instruções em sete bulas de pílulas, foi pedido que os participantes as dividissem em uma caixinha de remédios com 24 espaços, um para cada hora do dia.

Dois dos remédios tinham instruções idênticas, mas um terço dos participantes não percebeu que eles poderiam ser tomados juntos. Quase 80% não entenderam que poderiam tomar duas pílulas juntas se uma bula dizia “a cada 12 horas” e outra “duas vezes por dia” – mesmo que, nesse contexto, elas significassem a mesma coisa.

“Aprendemos de novo como é desafiador manter uma rotina de medicamentos”, conta Michael Wolf, epidemiologista da Escola de Medicina Feinberg na Universidade Northwestern, que liderou a experiência.

A adesão aos remédios, uma ampla preocupação de saúde pública, é um problema especial para pessoas mais velhas. Eles tomam mais remédios do que os pacientes mais novos – não é incomum que tenham sete receitas. Ainda assim os estudos têm mostrado repetidamente que “quanto mais vezes por dia você tem que usar remédios, menor a sua adesão”, explica Wolf.

Quando os pacientes não conseguem pensar em um plano que funcione, ou se ater a um, pode haver consequências ruins.

O remédio X parece não fazer efeito, levando o médico a prescrever também o Y quando o problema real é que o paciente não entendeu a dose ou não está tomando o suficiente de X. Ou um paciente mais velho simplesmente desiste de uma rotina complexa de remédios e fica sem medicamentos ou com menos do que o necessário, arriscando-se a cair severamente doente.

CONFUSÃO POTENCIAL

“Eu vejo isso todos os dias em minha prática clínica. Existe uma possibilidade tremenda de confusão”, diz o doutor William Hall, geriatra que dirige o Centro para o Bem Estar da Vida da Universidade de Rochester em Nova York.

Vamos deixar claro que algumas das razões pelas quais os idosos tomam seus remédios de maneira errada são difíceis de resolver.

Os custos, por exemplo. No caso de cidadãos dos EUA, apesar de o Medicare e o Obamacare resolverem parte do problema, alguns idosos não conseguem pagar por seus remédios com a frequência necessária.

Ou pior: “Talvez você não compre os remédios porque o farmacêutico diz que não está no seu formulário do Medicare e você terá que pagar do seu bolso”, explica Tood Semla, farmacêutico e ex-presidente da Sociedade Americana de Geriatria.

Problemas cognitivos, claro, também afetam a habilidade dos pacientes mais velhos de lidar com seus medicamentos. Os idosos podem deliberadamente parar de tomar remédios quando não gostam dos efeitos colaterais.

Mas os lapsos com os medicamentos também acontecem por problemas que, em um mundo mais racional, deveriam ser muito simples de resolver. Os pesquisadores e reformadores descobriram maneiras fáceis.

– O calendário universal dos medicamentos: em lugar de pedir aos pacientes para decifrar bulas complexas (algumas usam abreviações em latim, como TID para três vezes ao dia), elas deveriam ter quatro padrões de tempo – de manhã, ao meio-dia, de noite, na hora de dormir – para tomar os remédios.

Quase todos os medicamentos podem seguir esse calendário, que ajuda os pacientes a agrupar as pílulas para que não seja necessário tomar as doses frequentemente, pular algumas ou desistir totalmente.

Em uma conferência do Instituto Nacional de Saúde no mês passado, Wolf e seus colegas relataram um teste (ainda não publicado) envolvendo 845 pacientes no norte da Virgínia. Aqueles que receberam a chamada bula focada no paciente usando o calendário universal – em letras grandes – erraram significativamente menos na hora de usar seus remédios.

As melhoras mais notáveis aconteceram entre pacientes com maior risco de não adesão aos remédios: os menos escolarizados e com rotinas complexas.

A Califórnia começou a pedir (não exigir) que se use o calendário universal – junto com bulas mais simples e com letras grandes – em 2011, apesar da resistência da indústria de medicamentos. Mas até agora nenhum outro estado fez o mesmo.

ALTERAÇÕES COSMÉTICAS

– Uma aparência consistente: pessoas mais velhas geralmente usam o tamanho, o formato e a cor das pílulas para lembrar o que tomar e quanto. Mas como as farmácias constantemente negociam preços mais baratos em medicamentos genéricos e frequentemente trocam de fornecedores, a aparência das pílulas muda muito.

Em um estudo com mais de 11 mil pessoas que saíram de hospitais depois de um ataque cardíaco e a quem foram prescritos remédios cardiovasculares, por exemplo, 29% tomaram pílulas que mudaram de formato ou cor durante o primeiro ano. Os pacientes precisam tomar esses remédios por anos, então facilmente irão se deparar com essas alterações.

“O primeiro ano depois de um infarto do miocárdio é um período na vida da pessoa em que a adesão aos remédios é extremamente importante”, explica Aaron Kesselheim, interno e pesquisador de políticas de saúde do Hospital Brigham and Women em Boston e principal autor do estudo.

Essas alterações cosméticas levam a problemas. Enquanto a maioria dos pacientes permaneceu com suas rotinas, aqueles cujas pílulas mudaram de cor eram 34% mais propensos a parar de tomá-las, comparados com um grupo de controle. Quando as pílulas mudavam de formato, os pacientes tinham um risco 66% maior de abandoná-las.

Kesselheim e sua equipe sugerem que a FDA exija que os fabricantes façam remédios genéricos iguais em cor e formato àqueles com nomes de marca que substituem. Em junho o FDA produziu um guia de recomendações não obrigatórias, afirmando que as mudanças em tamanho (não mencionava cor) poderiam afetar a maneira como as pessoas seguem a rotina.

“Achamos que não foi amplo o suficiente. As coisas se movem lentamente”, afirma Kesselheim, cuja equipe está desenvolvendo outro estudo que podem fazer com que o FDA tome mais ações.

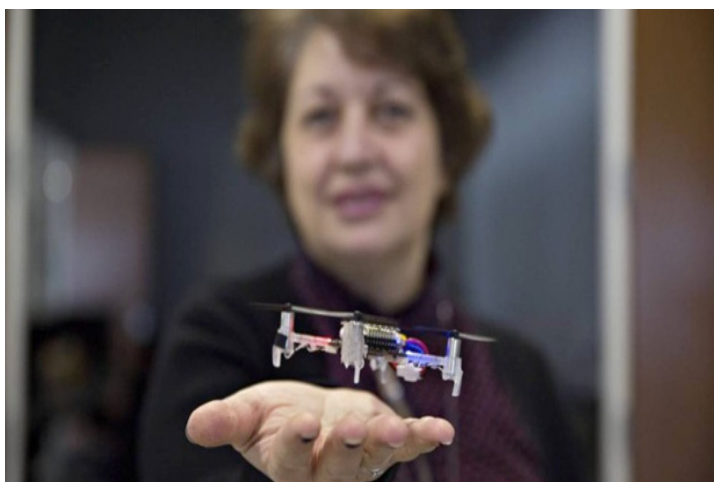
Enquanto espera por melhorias que poderiam ajudar os idosos a lidar com suas rotinas de remédios, alguns se aproveitam de um programa gratuito disponível por meio do Medicare.

A Terapia de Gerenciamento de Medicamento, oferecida por seguros privados que cobrem os remédios, vai rever as prescrições, as doses, os custos e outras questões para os idosos que possuem várias condições crônicas e tomam muitos medicamentos. Isso poderia ajudá-los a se manter na rotina.

Ainda assim, deveria ser mais fácil fazer isso. “O incrível é que ninguém faz direito”, diz Hall.

Pesquisadores desenvolvem ‘drones de companhia’ para idosos

Fonte: Extra – John Markoff (The New York Times) – 31/12/2015



SAN FRANCISCO - A população de adultos idosos e frágeis cresce rapidamente no mundo, exigindo que a sociedade pense em como poderá ajudá-los a cuidarem de si mesmos em suas próprias casas. Naira Hovakimyan tem uma ideia: drones.

A roboticista da Universidade de Illinois recentemente recebeu uma doação de US\$ 1,5 milhão da Fundação Nacional para a Ciência, nos Estados Unidos, para explorar a ideia de projetar pequenos drones autônomos que executem tarefas domésticas simples, como pegar um frasco de remédio na outra sala. Naira reconheceu que a ideia pode parecer desanimadora para muitos, mas acredita que os drones não só serão seguros, como se tornarão um instrumento do dia a dia para cuidados com idosos daqui a uma ou duas décadas.

— Estou convencida que dentro de 20 anos os drones serão como os celulares hoje — diz ela.

Esta pesquisa é apenas um exemplo das muitas abordagens estudadas no uso da tecnologia para ajudar a terceira idade. Mesmo que os cuidadores robôs estejam longe de ser uma realidade, roboticistas e médicos preveem que uma nova onda de avanços em computação, robótica e tecnologias conectadas à internet estarão disponíveis nos próximos anos para ajudar a população mais velha a ficar mais tempo em casa.

— A solidão chegou a níveis epidêmicos entre as pessoas idosas — acredita Juliet Holt Klinger, diretora de programas e cuidados na demência do Brookdale Senior Living, um dos maiores provedores de serviços de assistência e atendimento domiciliar do país.

A Brookdale usa uma variedade de serviços cibernéticos para facilitar a relação entre seus clientes mais velhos com familiares e amigos. Juliet disse que há cada vez mais provas de que permanecer em contato, mesmo que eletronicamente, diminui o declínio cognitivo associado ao envelhecimento.

— Temos muitas histórias de famílias que se reencontram através do Skype — acrescenta Juliet.

MONITORAMENTO DE SAÚDE

Em meio a tantas ideias promissoras, os céticos também notam que muitas delas são “tecnologias buscando uma solução” que inevitavelmente falham no teste de praticidade. Mesmo assim, exemplos derivados da inteligência artificial que estarão disponíveis comercialmente na próxima década incluem andadores inteligentes, pingentes que rastreiam quedas e caminhadas a esmo, sensores domésticos que monitoram o estado de saúde, aparelhos para ajudar no equilíbrio, companheiros eletrônicos virtuais e robóticos e até drones.

Em seu laboratório, Naira começou a experimentar com drones pequenos e grandes que chama de Bibbidi Bobbidi Bots, usando a frase da fada madrinha do desenho “Cinderela”, para que soem menos intimidadores. Em novembro, no laboratório da Nicer Robotics da Universidade de Illinois, os pesquisadores iniciaram experiências com o Oculus Rift, um visualizador de realidade virtual, para mostrar às pessoas qual a sensação de se estar perto de um pequeno drone. Naira acredita que esses dispositivos poderiam um dia ser usados para executar todo tipo de tarefa doméstica, desde pegar um objeto debaixo da mesa, limpar lustres até aparar a grama do jardim.

Muitos outros também estão em busca de soluções: em um laboratório em Seattle, Washington, Tandy Trower, ex-desenvolvedor de software da Microsoft está testando um robô de 1,2 metro de altura chamado Robby. Com câmeras, radar, microfone, alto-falante, interface de tablet e bandeja móvel, Robby pode um dia ser capaz de servir como companheiro móvel e até executar algumas tarefas pequenas.

Trower disse que o robô, agora um protótipo em seu laboratório Hoaloha Robotics, seria capaz de monitorar a saúde do companheiro humano e ajudar com tarefas como controlar os medicamentos. Sua tela também pode ser usada para videoconferências com médicos e outros prestadores de serviços de saúde. Trower acredita que o futuro de ficção científica em que robôs cuidam de idosos está mais perto do que muita gente imagina.

— Em vez de avistar o trem ao longe, agora a luz de seus faróis já nos ilumina o rosto — ilustra ele.

A necessidade de tal tecnologia vai crescer acentuadamente, dadas as amplas mudanças demográficas na população de todo o mundo. O envelhecimento populacional colocará enormes encargos no sistema de saúde global em 2050, segundo os demógrafos. Agora, pela primeira vez na História, 14% da população têm mais de 65 anos, um forte contraste com os 9,1% que têm menos de 5 anos.

No mundo todo, o número de pessoas de 60 anos ou mais pode dobrar até 2050 e triplicar até 2100; o de indivíduos com mais de 80 anos deverá dobrar até 2050 e aumentar mais de sete vezes no final do século.

Apesar de inúmeras e variadas pesquisas e alguns produtos comerciais, os Estados Unidos parecem estar ficando para trás em relação ao Japão e à Europa no desenvolvimento de soluções desse tipo.

— Nessas duas regiões parece que os governos estão mais sintonizados com o potencial da tecnologia para o envelhecimento da população — avalia a neurologista Jeffrey Kaye, da Universidade de Saúde & Ciências do Oregon, que se dedica a desenvolver tecnologias para idosos.

SENSORES PARA CEM MIL NA CHINA

Há mais de uma década, a China buscou ajuda de Eric Dishman, cientista da Intel que trabalha com dispositivos tecnológicos para este fim.

— Agora tenho uma equipe na China trabalhando com terceiros, colaborando na Iniciativa Cidade Amiga do Idoso — diz Dishman. Isso levou à instalação de sensores domésticos para monitorar até cem mil pessoas.

O projeto Intel China usa as chamadas técnicas de aprendizado de máquina que determinam padrões de comportamento para os cuidadores. Hábitos diários são interpretados como um sinal vital, segundo Dishman.

Além de sensores domésticos inteligentes e robôs que se movimentam, várias outras iniciativas usam robôs estacionários como instrutores e até para comunicação e companhia.

A internet, sistemas de tablet e smartphone tais como o grandPad, um tablet simplificado para idosos, e o CareAngel, um sistema telefônico para ajudar familiares mais jovens a ficarem conectados, surgem para ajudar com os cuidados e para diminuir o isolamento.

O teste final de todas essas ideias será a aceitação do público. Na Conferência Aging 2.0 em novembro, em San Francisco, que tratou de novas tecnologias de cuidados, Cynthia Breazeal, do MIT Media Lab, apresentou o Jibo, um pequeno robô conectado à internet com uma tela giratória redonda onde aparece um rosto robótico simpático.

Não foi uma unanimidade. Durante uma sessão de perguntas e respostas do público no fim da apresentação, uma senhora de 91 anos de idade pediu a palavra e disse:

— Se o Jibo fosse meu último amigo, eu ficaria muito deprimida.

//NOTÍCIAS DO JUDICIÁRIO

Idoso que apresentou hipotermia antes de cirurgia será indenizado

Fonte: JusBrasil – 15/12/2015

O hospital de Bauru foi condenado pela 5ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo a indenizar paciente idoso exposto ao frio na sala de pré-operatório. O desembargador Moreira Viegas, relator do recurso, determinou que a instituição pagasse R\$ 30 mil a título de danos morais.

Segundo o desembargador, a literatura médica recomenda atenção especial com idosos para que seja evitada a hipotermia. “Nada disso, no entanto, foi observado pelos réus, prepostos ou subordinados. Sem nenhuma justificativa plausível e ignorando os reclamos do paciente idoso, deixaram-no quase desnudo por longo espaço de tempo, numa sala bastante fria, o que resultou em quadro de aparente hipotermia, com apresentação de tremores e taquicardia. O sofrimento vivido pelo autor, no dia dos fatos, é mesmo inaceitável, não podendo ser considerado um simples dissabor da vida em sociedade”, afirmou.

Os desembargadores Fábio Podestá e Fernanda Gomes Camacho participaram do julgamento, que teve votação unânime.

Apelação nº 1000945-63.2014.8.26.0071

Fonte: TJSP

Pena para quem comete estelionato contra idoso é duplicada e pode chegar a 10 anos

Fonte: Consultor Jurídico – 29/12/2015

A pena para quem comete estelionato contra idosos (pessoas a partir de 60 anos) foi duplicada com a sanção, nesta segunda-feira (28/12), da Lei 13.228. A partir de agora, os condenados por praticar o crime delimitado pelo artigo 171 do Código Penal, podem ser sentenciados a até 10 anos de prisão.

Consta no Código Penal que o estelionato ocorre quando alguém obtém vantagem ilícita, para si ou para outra pessoa, em prejuízo alheio, ao induzir alguém ao erro, por meio de fraude ou outros artifícios. A pena para o crime é de um a cinco anos de reclusão.

Clique [aqui](#) para ler a publicação no Diário Oficial da União.

//NOTÍCIAS DO LEGISLATIVO

Deputados e especialistas defendem uso de tributos de jogos nas políticas para idosos

Fonte: Agência Câmara Notícias – Noéli Nobre / Marcelo Oliveira – 15/11/2015

A necessidade de políticas e recursos para melhorar a assistência aos idosos no País foi discutida durante audiência pública da comissão especial criada para analisar o marco regulatório dos jogos no Brasil. A comissão especial analisa 14 projetos de lei (PL 442/91 e apensados) que legalizam vários jogos, inclusive o de bicho e os eletrônicos, via internet.

A autora do pedido para o encontro, deputada Cristiane Brasil (PTB-RJ), propôs que os recursos relativos aos impostos recolhidos com a eventual legalização dos jogos sejam destinados aos idosos. “Quem mais gosta de algumas modalidades de jogo e que, muitas vezes, acabam sendo presos por gostarem de jogar bingo são os idosos. São eles os grandes clientes desse tipo de jogo e de outros. E nada mais justo que boa parte do dinheiro que será produzido pelos impostos gerados pela legalização, regulamentação dos jogos, seja investida no público que os frequenta, que são os idosos.”

O presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil, o médico Alexandre Kalache, disse não ter opinião formada sobre a legalização de jogos, mas deu apoio à destinação do dinheiro arrecadado com a eventual legalização para o desenvolvimento de políticas votadas às pessoas com mais de 60 anos.

“Eu não tenho uma opinião formada, eu não sei se é bom ou mau para o Brasil a questão dos jogos. Eu sei que muitas vezes eu vi isso em vários países. As pessoas idosas são as que mais jogam, mas isso também tem um caráter negativo, elas acabam viciadas. Por isso, deixo claro que minha posição é a de que precisamos de mais recursos, se eles devem vir dos jogos e se eles forem liberados, ótimo. Se eles estão liberados, muito bem, mas eu não entro no mérito dessa questão.”

Mais assistência

Alexandre Kalache preferiu falar mais do aspecto técnico do envelhecimento da população. Ele destacou que hoje o número de pessoas acima de 60 anos chega a 24 milhões e, em 2065, deverá alcançar 70 milhões. Kalache apelou aos parlamentares para que tomem conhecimento da questão, uma vez que o País vive uma situação inédita no mundo: ao mesmo tempo que a população envelhece, o País empobrece.

O diretor da Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UnATI/Uerj), professor Renato Veras, ressaltou que, com a idade mais avançada, as pessoas precisam de mais assistência e a tendência é aumentar as dificuldades por causa da carência de políticas públicas.

Segundo Veras, não são apenas os idosos de baixa renda que vão sofrer as consequências do empobrecimento do País. “Quem tem dinheiro para pagar plano de saúde também corre o risco de ficar desamparado, pois os planos não cobrem casos de longa permanência.”

Para o representante da Secretaria Especial da Previdência Social, Emanuel de Araújo Dantas, o Congresso tem que tomar consciência

da gravidade da situação, uma vez que hoje as pessoas se aposentam, em média, com 54 anos, enquanto a expectativa de vida já chega a 76 anos. Conforme destacou, nenhum sistema previdenciário do mundo se sustenta com pessoas vivendo cada vez mais e se aposentando ainda jovens.

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura 'Agência Câmara Notícias'

ALERJ aprova criação de Hospital para Idoso na Baixada Fluminense

Fonte: ALERJ – Camilla Pontes - 15/12/2015

A Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) aprovou nesta terça-feira (15/12), em segunda discussão, o projeto de lei 2.213/13, que cria o programa "Hospital para todos na Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro". A autoria da proposta é dos deputados André Ceciliano (PT), Iranildo Campos, Wagner Montes (ambos do PSD), Luiz Martins (PDT), Marcelo Simão, Waguiinho, Dica, Rosenverg Reis (todos do PMDB), e dos ex-deputados Ricardo Abrão, Rosângela Gomes, Xandrinho, Marco Figueiredo, Geraldo Moreira, e do deputado licenciado Bruno Correia.

De acordo com o texto, entre as ações propostas, o programa deverá assegurar a atenção integral à saúde do idoso, garantir a prevenção, promoção e recuperação, e contribuir para superar a carência no tratamento dos idosos, na região.

O texto seguirá para o governador Luiz Fernando Pezão, que terá 15 dias úteis para decidir pela sanção ou veto.

//PESSOA COM DEFICIÊNCIA

//NOTÍCIAS DA IMPRENSA

Pessoas com Síndrome de Down podem trabalhar e morar sozinhas

No último episódio da série 'Qual é a diferença?', conheça exemplos de pessoas com Síndrome de Down que trabalham e levam vida independente.

Fonte: G1 – Fantástico – "Qual é a diferença?" – 06/09/2015

A jornada com Dráuzio Varella e Breno Viola pela vida das pessoas com Síndrome de Down entra na sua última etapa. Nessas quatro semanas, muita gente se surpreendeu, muita gente se emocionou. Agora, você vai conhecer um pessoal animado, de bem com a vida, que trabalha, ganha seu próprio dinheiro e até mora sozinho. Qual é a diferença?

Vinte e dois anos e Vinicius Medeiros já trabalha com carteira assinada.

Breno Viola: Quando você recebe o seu salário, o que você sente?

Vinicius: Ah, eu me sinto muito feliz. Estou juntando o meu salário para eu poder casar com a minha namorada.

Em um clube em São Paulo, Bruno Lowenthal Kignel faz um estágio não remunerado de professor assistente. Como sempre gostou de esportes, no último ano do ensino médio ele decidiu tentar uma faculdade na área. "A gente apoiou, lógico, mas é uma decisão totalmente dele. Ele foi lá prestar a prova de vestibular como qualquer outro jovem", conta a mãe, Rosana Lowenthal.

"O Bruno entrou no processo normal do processo seletivo que a universidade oferece", diz o coordenador geral do curso de Educação Física, Bergson Peres.

Aos 22 anos, Bruno está no oitavo semestre do curso de Educação Física. Interessado e esforçado, mostrou que era capaz de passar nas matérias que ofereciam avaliações adaptadas para ele. Mas, até a formatura, ainda há obstáculos importantes que precisam ser superados.

"Matérias que são mais difíceis mesmo e matérias muito abstratas, filosofia, sociologia, existem muitas dificuldades", diz a mãe.

Bruno está determinado a realizar seu sonho, mas existem outros caminhos para se encontrar uma profissão:

"Por exemplo, os programas de preparação profissional, de ensino técnico. Nem todo mundo vai chegar à universidade. Nem todo mundo tem que ir ao ensino médio", pondera a diretora da Faculdade de Educação da Uerj, Rosana Glat.

Breno: Você fez algum curso para trabalhar aqui no salão?

Vinicius: Sim, como auxiliar de cabeleireiro.

"Eu faço auxiliar administrativo, digitalizo, faço entrega de prontuários. Trabalho de escritório", conta Juliana Gay. Até os 34 anos de idade, Juliana viveu dentro de uma redoma.

"Ela era muito presa, superprotegida pelo pai e por mim também", diz a mãe, Maria Amélia Gay.

Quando o pai de Juliana morreu, Maria Amélia criou coragem para mostrar à filha o mundo fora de casa.

Há três anos, a Apae de São Paulo faz a ponte entre pessoas como a Juliana e o Jocelino de Paulo, de 24 anos, e as empresas que querem contratar funcionários com deficiência intelectual.

"Quase 500 pessoas foram incluídas, 96% delas estão empregadas", diz Aracélia Costa, superintendente da Apae-SP.

Funciona porque a Apae acompanha tudo de perto, da adaptação na empresa à preparação para a independência. Foi assim que Juliana aprendeu a andar sozinha na rua.

Até conseguir se virar sozinho, Marcelo Beduschi Nahas também passou sufoco, chegou até a se perder em Florianópolis. Mas isso é história antiga. Marcelo é auxiliar administrativo e a mulher dele, a Raquel, também, só que em outra empresa. "Há quatro anos a Raquel trabalha conosco, sempre bem britânica nos horários dela", destaca Manuel dos Santos, chefe da Raquel.

"Se você pedir para o Down fazer alguma coisa e ensiná-lo a fazer, tenha uma certeza: ele vai fazer do jeito que lhe foi ensinado. Nenhum passo para a direita nem para a esquerda. Vai ser sempre daquele jeito. Isso é bom. Oxalá nossos governos fossem desse jeito, nossos juízes fossem assim", explica o médico pediatra e geneticista Zan Mustacchi.

Em uma pesquisa recente, feita com 1,8 mil trabalhadores em quatro países, 83% dos entrevistados disseram que a presença de um funcionário com Síndrome de Down aumenta a sensibilidade e o jogo de cintura do chefe para resolver conflitos daquele setor; 78% acrescentaram que a inclusão melhorou a motivação de todos no ambiente de trabalho.

"Mas isso ainda não é percebido pela maioria dos empregadores. A gente tem um número muito pequeno de pessoas com Síndrome de Down que trabalham efetivamente com carteira assinada, com horário de trabalho, que vão para a empresa", destaca Maria Antonia Goulart, da ONG Movimento Down.

Foi na maior simpatia que a repórter Bianca Rothier foi recebida em um hotel inaugurado há três meses em Asti, na Itália. Lá, dez dos 15 funcionários têm Síndrome de Down. Como em qualquer empresa, as funções são distribuídas de acordo com a capacidade de cada um. O

hotel já ganhou elogios do presidente da Itália, do premiê e até do Papa Francisco.

Liane Collares, de 52 anos, que mora em Brasília, é a secretária mais alegre do pedaço. “Minha função é tão linda”, diz. Ponto para os pais de Liane, que nunca deram bola para os pessimistas, e para o pediatra que, em 1963, logo depois do parto, soube o que dizer: “Olha mãe, esse bebê não é igual ao outro, mas pode ficar tranquila que nós vamos cuidar da mesma forma”, conta Marilei Collares, mãe de Liane.

Liane foi alfabetizada com sete anos. Mais tarde virou campeã internacional de natação. E ela ainda escreveu um livro com o apoio da mãe, afinal, uma história assim merece mesmo ser contada.

Mas e o futuro? Esse é o maior medo dos pais de pessoas com Síndrome de Down: o que vai ser do meu filho quando eu não estiver mais aqui? Na Inglaterra, há um projeto inspirador. Mais de mil deficientes intelectuais e físicos vivem nas propriedades da Ability Housing, uma instituição que procura dar a eles a vida mais independente possível. Uma pequena equipe está sempre de plantão para emergências ou para ajudar em tarefas mais difíceis. De resto, é tudo com eles.

Cada morador paga o equivalente a R\$ 2,5 mil por mês de aluguel. Na Inglaterra, deficientes intelectuais ganham uma pensão especial do governo que cobre esse custo. Outra pensão, da prefeitura, arca com as despesas do dia a dia.

“Nossa intenção não é que eles sejam 100% independentes, mas que possam decidir o que querem fazer no seu dia a dia, como qualquer um de nós”, explica o diretor executivo da organização, David Williams.

“A independência de viver sozinho não é real nem para nós. Nós todos temos uma dependência direta ou indireta com nossos familiares”, lembra o médico Zan Mustacchi.

Raquel de Azevedo, de 28 anos, e Marcelo Beduschi Nahas, de 33, moram sozinhos em Florianópolis. Os pais dele juntaram dinheiro e decidiram comprar um apartamento pequeno para os dois.

“A única refeição que eles não preparam ainda é o almoço, mas o café da manhã, lanches da tarde, da noite, eles fazem e procuram seguir a orientação da nutricionista”, explica Markus Nahas, pai de Marcelo.

“O que nós vimos na Inglaterra é que qualquer pessoa pode morar sozinha e o que varia é a quantidade de suporte que essa pessoa vai precisar”, diz Flavia Poppe, economista especializada em políticas públicas.

Flavia se especializou em políticas públicas e agora procura apoio para trazer o projeto de moradia assistida para o Brasil. “Existem as pessoas com deficiência, existem imóveis e existem profissionais capazes de desenvolver o programa de suporte individualizado. Não falta nada”, avalia.

Para ter acesso ao vídeo, clique [aqui](#).

Professores treinam para lidar com deficiências em escolas inclusivas

Terceiro episódio da série de reportagens sobre a educação inclusiva mostra a importância de se colocar no lugar do outro.

Fonte: G1 – Jornal Nacional – 25/11/2015

Na terceira reportagem da série que o Jornal Nacional apresenta sobre a inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas comuns, a Sandra Passarinho mostra a importância de se colocar no lugar do outro.

Mãe: Ela vai todos os dias pra escola.

Repórter: Vai sempre com transporte da escola?

Mãe: Da escola.

O esforço para a Suelen chegar à escola é grande, como é o prazer em estar lá.

Repórter: O que você gosta de estudar?

Suelen: Gosto mais da matemática.

Na escola municipal, ela também aprende a gostar de si mesma.

Repórter: O pessoal na escola fala alguma coisa quando você vem maquiada?

Suelen: Eles falam que eu sou muito bonita com maquiagem. E gostam também.

É possível sentir o que sente um aluno com deficiência, graças a um dos trabalhos desenvolvidos no Cefai, o Centro de Formação e Acompanhamento à Inclusão, da Prefeitura de São Paulo.

Repórter: Qual é a sensação que te dá ao estar na cadeira de rodas?

Professora: Emoção. E gasta muito energia.

Lá, professores treinam outros professores para educar a sensibilidade.

“É uma sensação muito angustiante não conseguir enxergar, não conseguir observar o que está ao nosso redor”, afirma uma mulher.

O grupo se prepara para fazer uma simulação, lidando com a deficiência auditiva.

“Quando você começa a trabalhar com a pessoa que tem deficiência, você tem dó. Eu falo que cada um não precisa ser especialista, mas se você tiver o olhar e tentar fazer alguma coisa, a gente constrói uma sociedade melhor, mais justa e mais inclusiva pra todo mundo”, diz a professora Ana Lucia Ferreira de Lima.

Uma prática adotada na escola inclusiva é fazer com que alunos que não tem uma deficiência dialoguem com alguns colegas incluídos na linguagem que eles entendem. A reportagem mostra uma aula de libras.

A aula prática de capoeira é inclusão em uma escola em Campo Grande, onde se aprende a driblar os limites do corpo.

“A gente como mãe de criança especial, eu era um pouco cética. Tipo ‘eu só acredito vendo’”, lembra Raquel de Lima, mãe de Rafael Vinícius.

Raquel acabou vendo o que a capoeira fez pelo filho Rafael, de 16 anos, e por tantos outros jovens com deficiência.

“Ficou mais extrovertido e mais alegre também, porque a música contagia e ele gosta”, conta Raquel.

O professor Josimar acreditou nesses meninos. Ele é ligado a uma instituição que divulga a capoeira inclusiva no Brasil inteiro, e em 60 países.

“A diferença não é barreira, a diferença é que integra. Como um quebra-cabeça, as peças precisam ser diferentes pra encaixar. Se forem todas iguais, o quebra-cabeça não se forma”, defende o professor Josimar de Araújo.

No lugar do ceticismo, entrou a crença na superação:

“Eu tenho dois filhos, e ele é minha inspiração. Acho que a gente nunca tem que desistir de nada. Não tem que esconder em casa, tem que mostrar. É exemplo. As pessoas precisam de exemplo”, diz Raquel.

Para ter acesso ao vídeo, clique [aqui](#).

Escolas particulares debatem quem deve arcar com custos da inclusão

Lei que entra em vigor em janeiro proíbe as escolas de cobrar a mais dos pais. Instituições particulares questionam na Justiça obrigatoriedade.

Fonte: G1 – *Jornal Nacional* – 26/11/2015

O *Jornal Nacional* apresenta, nesta semana, uma série de reportagens sobre educação inclusiva. Nesta quinta-feira (26), Sandra Passarinho mostra que as instituições particulares estão questionando na Justiça a obrigatoriedade de receber alunos com necessidades especiais. A lei que entra em vigor em janeiro proíbe as escolas de cobrar a mais dos pais.

O que ainda é tabu para muita gente já é uma realidade para as associações de pais e alunos.

“Todos os pais com que temos conversado são favoráveis à inclusão sim, porque hoje já está difundido. Não é fácil essa adaptação, a demanda é muito grande, porque você tem pessoas com diversas necessidades. Então realmente nós precisamos avançar no entendimento da lei para que a lei seja efetiva na inclusão”, contou Luis Claudio Megiorin, coordenador da Confederação Nacional das Associações de Pais e Alunos.

Ainda há muita discussão nas escolas privadas. A polêmica sobre a educação inclusiva já chegou ao Supremo Tribunal Federal. De um lado está a Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino, que representa as escolas particulares, de outro, o Estatuto da Pessoa com Deficiência, uma lei de 2015 que vai entrar em vigor em janeiro de 2016.

A Confenem entrou com uma ação direta de inconstitucionalidade contra parte do estatuto, que prevê que as escolas particulares devem cumprir uma série de obrigações para incluir qualquer aluno com deficiência, sem poder cobrar a mais por isso.

“Nós cremos que o STF terá a condição de verificar os Direitos Humanos envolvidos aí. Não só em questão dos Direitos Humanos das pessoas com necessidades especiais, mas também de todos os envolvidos no processo educacional. Não existem Direitos Humanos superiores uns aos outros. Você não pode estar obrigado a prestar um serviço que você não está capacitado”, afirmou Ricardo Furtado, advogado da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino.

O ministro Edson Fachin negou o pedido, que vai ser julgado no plenário do Supremo. Essa semana, o advogado da Confenem entrou com um recurso que ainda vai ser avaliado. O presidente da confederação acredita que a obrigatoriedade prevista no estatuto vai levar a um repasse de custos para os pais.

“Custo é preço. E preço vai no serviço e na mercadoria. Não há outro caminho. Mesmo porque a obrigação de dar o atendimento é do poder público. A constituição diz que é obrigação, dever da família, evidente que é da família que tem o problema, e do Estado. Então o Estado tem que socorrer ou a escola que atende ou a família que precisa da ajuda”, defendeu Roberto Dornas, presidente da Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino.

A procuradora Eugênia Gonzaga, militante da inclusão e dos Direitos Humanos, discorda.

“As escolas particulares só podem ser escolas porque a Constituição assim autoriza. Ela diz que só é aberto à iniciativa privada se elas cumprirem os mesmos deveres das escolas públicas e as leis gerais de educação. Nada autoriza ninguém a discriminar. Seria o mesmo

que eu ir num restaurante, se eu uso cadeira de rodas, e receber o percentual mais caro na minha conta porque o meu banheiro adaptado custou mais caro que os outros. É um ato de discriminação também”, disse Eugênia Augusta Gonzaga, procuradora regional da República.

O Ministério da Educação afirma que as escolas privadas só podem funcionar se cumprirem a lei.

“As escolas devem compor no seu custo geral de funcionamento todos os requisitos de acessibilidade, porque esses requisitos são necessários à igualdade de direito entre pessoas com ou sem deficiência”, afirmou Martinha Clarete, diretora de Políticas de Educação Especial do Ministério da Educação.

Para ter acesso ao vídeo, clique [aqui](#).

Jovem com síndrome de Down conclui curso e tira 10 em TCC no RS

Gabriel é o primeiro portador da síndrome de Down a graduar-se na UFPel. Acadêmico encenou trecho de Shakespeare que questiona ‘ser ou não ser?’.

Fonte: G1 RS – *não encontrado* – 10/12/2015



Gabriel apresentou seu trabalho de conclusão de curso em Pelotas (Foto: Divulgação/UFPel)

O estudante de teatro Gabriel Almeida Nogueira, de 27 anos, fez história na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) ao defender o seu trabalho de conclusão de curso (TCC). Ele se tornou o primeiro aluno com síndrome de Down a graduar-se na instituição do Sul do Rio Grande do Sul. Na apresentação, realizada na quarta-feira (9), o acadêmico encenou um trecho de “Hamlet”, de William Shakespeare.

“Ser ou não ser?”, questiona a famosa passagem da peça escrita há quatro séculos. Gabriel decidiu ser. E sua escolha foi agraciada pela banca avaliadora com a nota máxima: dez.

O jovem defendeu o trabalho nomeado “Oficina de Teatro Down: Todos Somos Capazes de Fazer Tudo”. Após a apresentação de Hamlet, Gabriel chamou os integrantes do projeto Novos Caminhos, onde fez estágio e pesquisa, para participar de uma atividade teatral.

Para ele, as brincadeiras e jogos que promoveu com seus alunos proporcionaram crescimento mútuo. “Ao mesmo tempo em que eles aprenderam comigo, eu aprendi muito com eles”, conta ao G1.

A professora Denise Bussoletti, que orientou o aluno durante o trabalho, diz que a conquista de Gabriel é um marco para a UFPel.

Segundo Denise, professores como ele evidenciam as necessidades de refletir sobre os métodos da educação, códigos e maneiras de ensinar.

“Esse trabalho é um começo. É absolutamente inovador, não só na universidade, mas além”, observa a docente.

A mãe Josiane Almeida diz que a graduação foi fundamental na integração e independência do filho. Ela conta que ele sempre buscou se envolver com as atividades acadêmicas, realizando estágios e participando de bolsas de pesquisa. E relata ainda que a escolha de Gabriel pelo curso ocorreu da maneira natural.

“Ele sempre gostou muito de palco, teatro, cinema, apresentações. Desde pequeno, a gente via isso nele. No último ano do ensino médio, quando ele teve que escolher um caminho, ele disse: ‘quero teatro’. Não teve dúvidas”, conta a mãe.

Questionada sobre a sensação de ver o filho apresentar o trabalho final e receber nota dez, a mãe de Gabriel diz que não conseguiu conter as lágrimas. “Foi demais. Superou todas as expectativas. Emoção sem descrição”.

Desempenho e trabalho elogiados

A apresentação do TCC reuniu familiares, amigos, professores e colegas. A banca destacou a frequência e a assiduidade do estudante nas aulas e atividades. O engajamento e comprometimento também foram elogiados, além do próprio conteúdo do trabalho.

Presente na banca, a professora Fabiane Tejada abordou a trajetória de Gabriel, que conhece desde criança. “Ele tem características fundamentais ao professor de teatro: sensibilidade, respeito, disciplina e capacidade de conviver em grupo. Será um ótimo professor”, diz.

Para Vagner Vargas, ator e doutorando em Educação na UFPel, a apresentação teatral de Gabriel na defesa do TCC demonstrou coragem, igualdade e inovação. “Há o olhar de uma pessoa que vive um processo, dando aula para outras pessoas na mesma condição. É um exemplo único e inovador”, pontua.

Gabriel diz se sentir feliz e emocionado. Seu desempenho é espelho para outros portadores de necessidades especiais se inspirarem. O fim de uma etapa significa o início de uma nova trajetória. Agora, Gabriel já faz planos para o futuro.

“Recebi propostas e estou pensando. Fui convidado para dar aula de dança e fiquei sabendo que o pessoal do cinema está de olho em mim. Mas o que eu quero mesmo é teatro”, conta orgulhoso por alcançar o objetivo de ser quem é.

Deficientes visuais criticam alterações em ônibus

Fonte: Extra – Renan França – 15/12/2015

RIO — Acostumado a seguir a mesma rotina, o deficiente visual Alessandro Lago ficou perdido quando saiu na segunda-feira do metrô em Botafogo. Há anos, costumava pegar a linha 513 — antiga Urca-Botafogo e atual Urca-Humaitá — na Rua Nelson Mandela, em frente à saída da estação. Mas, na segunda-feira, quando chegou ao outro lado da calçada, notou que não havia usuários à espera de condução.

— A calçada estava vazia — disse Alessandro, que trabalha no Instituto Benjamin Constant, na Urca, como auxiliar administrativo. — Depois de aguardar por alguns minutos, um fiscal da linha me avisou que o ponto de ônibus havia sido transferido para a Voluntários da Pátria, no último sábado. Uso o ônibus quando faço integração com o metrô. Vou ter que andar mais alguns metros para pegar a condução.

Assim como Alessandro, a pedagoga Chayene Alvarenga, que também trabalha no Instituto Benjamin Constant, teve dificuldades para chegar à Urca. Moradora do Méier, ela optou pelo trem até a Central do Brasil,

e lá foi avisada sobre as mudanças. Com receio de não encontrar o novo ponto, preferiu embarcar na linha 107 (Central-Urca). A troca fez a pedagoga chegar ao trabalho 2 horas e 10 minutos depois de sair de casa — o dobro do tempo que levava até a semana passada.

A secretaria municipal de Transportes informou, em nota, que o ponto foi realocado para a Rua Voluntários da Pátria por reunir as melhores condições técnicas. E que a escolha do local foi feita de maneira a evitar transtornos para os usuários, já que o ponto está na mesma calçada, e não há necessidade de atravessar ruas.

Essa é a quarta fase de mudança do processo de racionalização das linhas de ônibus. Até agora, foram criadas 10 novas linhas. Outras 29 foram extintas e 13 tiveram seus trajetos alterados.

Brasileiro desenvolve software para inclusão digital de deficientes visuais

Fonte: Extra – não encontrado – 15/12/2015

O Brasil tem hoje, segundo o último censo do IBGE, 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual (582 mil delas são cegas) e a inclusão digital deste grupo de brasileiros ainda é um desafio. Mas um novo software desenvolvido no Paraná pode mudar esta realidade. Neste mês chega ao mercado o F123 Access, um programa desenvolvido para facilitar o acesso à internet, fazendo uma leitura correta de sites e portais, mesmo aqueles que não estão preparados para um leitor digital.

O software vem para suprir uma lacuna que ainda causa muitas barreiras aos deficientes visuais e vai proporcionar a autonomia para uma navegação sem impedimentos ou sem que precise de qualquer auxílio de terceiros.

“Hoje, existem vários leitores de tela, mas muitos sites não são desenhados de uma forma acessível para que esta leitura seja feita corretamente. O que o F123 Access faz é a reformatação deste site, deixando-o mais fácil de ser usado, de ser lido por estes leitores”, explica Fernando Botelho, cofundador da F123, empresa desenvolvedora do software.

Deficiente visual desde a adolescência, Fernando desenvolveu o programa a partir das suas próprias dificuldades. Com o apoio do Pontofrio, por meio da Fundação Via Varejo, conseguiu colocar o projeto em prática. GRATUITO, o F123 Access traz o empoderamento aos deficientes visuais, seja nas vertentes profissional ou educacional. “Parte dos nossos investimentos sociais está direcionada a projetos que promovem a tecnologia inclusiva, que colaborem com a autonomia e empoderamento dos indivíduos”, comenta Susy Yoshimura, diretora executiva da Fundação Via Varejo.

O software desenvolvido por Fernando e sua equipe tem outro facilitador, que é a sua acessibilidade simplificada. O F123 Access funciona como complemento do navegador Mozilla Firefox e está disponível em português, inglês e espanhol. Com tantas facilidades aliadas à leitura exata do conteúdo, o programa vai trazer novas oportunidades aos usuários espalhados pelo mundo.

“O feedback está muito bom. Temos oitenta pessoas testando o F123 Access em todo o mundo. No Brasil temos perto de 40 pessoas, mas estamos também na Índia, Estados Unidos, Itália e, pelo menos, outros dez países”, conta Botelho.

Para ter acesso ao F123 Access os interessados precisam fazer cadastro no site <https://f123access.com/cgi-bin/signup.cgi>. Maiores informações pelo email acessoF123@f123.org.

Com soluções simples e criativas, bar dá exemplo de inclusão de deficientes na Itália

Donos enfrentaram burocracia e falta de parâmetros para criar a empresa e mostrar que, com um pouco de criatividade, informação e boa vontade, é possível contornar limitações dos funcionários.

Fonte: G1 – Erika Zidko – 20/12/2015



Soluções simples ajudaram a transformar este bar na Itália em uma empresa mais inclusiva (Foto: Divulgação/BBC)

Com boa vontade e imaginação, os proprietários de um bar-restaurante em Bolonha, no norte da Itália, criaram um local completamente acessível a deficientes físicos - dentro e fora do balcão.

Inaugurado há poucas semanas, o L'Altro Spazio conta com uma série de simples adaptações que permitem o emprego de funcionários com limitações físicas.

A simplicidade das soluções pode ser notada já na entrada. Uma rampa de madeira, removível, facilita o ingresso de pessoas com dificuldades motoras, evitando reformas de grande porte, além da burocracia necessária para modificações na calçada pública.

Entre as novidades criadas especialmente para o local está um balcão de apenas 80cm de altura, que pode ser usado por cadeirantes, tanto de um lado quanto do outro. Dentro, as geladeiras, as garrafas, as máquinas de lavar copos e demais instrumentos de trabalho estão todos à altura de quem usa cadeira de rodas.

Um sistema de laços amarrados às torneiras da máquina de chopp permite que a bebida seja tirada usando apenas uma mão. A cozinha também foi planejada para receber empregados com deficiência.

Um dos "chefs" tem apenas 10% da visão. Em dias de pouco movimento, graças à disposição especial do mobiliário e dos equipamentos, ele dá conta de preparar as refeições sozinho.

No L'Altro Spazio, a maioria dos funcionários conhecem a língua dos sinais. Mas, se o surdo estiver atrás do balcão, os clientes podem ajudá-lo usando bilhetes impressos com o nome de cada bebida ou coquetel.

Para os clientes cegos, o bar oferece um mapa do local que descreve em braile a disposição das mesas, o espaço entre elas, o acesso ao bar, ao banheiro e os obstáculos presentes no salão. Além disso, o cardápio em braile traz a descrição completa dos ingredientes presentes nos drinks e pratos da casa.

"Não é apenas uma questão de garantir o acesso físico, mas de conscientizar as pessoas de que, com boa vontade e formação, é possível empregar pessoas com dificuldades físicas", afirma à BBC Brasil Nunzia Vannuccini, uma das sócias do local.

Tentativa e erro



Cardápio em braile ajuda clientes com deficiência visual (Foto: Divulgação/BBC)

De acordo com Nunzia, o maior problema durante a construção do bar foi superar a burocracia devido à falta de padrões técnicos para a acessibilidade de funcionários com deficiência.

"Começamos do zero. Os arquitetos e marceneiros trabalharam com base no projeto desenvolvido por nós, já que, com exceção das medidas relativas à porta de entrada e aos banheiros, não existem parâmetros para este tipo de construção".

"Fizemos tudo na base da tentativa e erro", diz. "O balcão do bar, por exemplo, não era baixo e largo o suficiente. Tivemos que refazê-lo completamente".

Manuela Migliaccio, garçonete cadeirante de 31 anos, foi uma das funcionárias que ajudou os proprietários a encontrarem as medidas ideais para o local. "Não é preciso um projeto de engenharia aeroespacial. Com poucas adaptações, nós deficientes podemos fazer tudo".

Este é seu primeiro emprego desde que, há seis anos, ficou parálitica após uma queda. "Sou uma 'barwoman'. Sempre fiz este serviço porque adoro estar em contato com o público, mas até então não tinha encontrado outro emprego", diz.

Além do aspecto econômico de se ter um trabalho, Manuela considera importante "poder mostrar que os deficientes físicos são como as demais pessoas".

"As campanhas de conscientização deixam muito a desejar. Ser atendido por um 'barman' em cadeira de rodas e perceber que ele consegue fazer tudo o que os outros fazem causa nas pessoas um impacto muito maior do que qualquer teoria", afirma.

"No início, alguns clientes ficam surpresos, mas depois percebem que não há nada de tão especial em trabalhar como garçom estando numa cadeira de rodas".



Garçone cadeirante ajudou donos do bar a adaptar o local (Foto: Divulgação/BBC)

Chiara Danisi, de 25 anos, que tem mal formação em um dos braços devido à doença focomelia, também contribuiu para a busca de soluções criativas ao local. “Agora, até os garçons que não têm dificuldades físicas usam o meu método par tirar chopp com uma mão só”, brinca.

Ela afirma que alguns clientes tendem a fazer o pedido a outros atendentes, por acreditarem que ela não seja capaz de preparar as bebidas. “Mas depois eles caem na real e percebem que estou ali exatamente para trabalhar”.

Para Chiara, bastam poucas adaptações para que um deficiente físico possa realizar as mesmas tarefas que os demais trabalhadores. “Uma coisa é definir os direitos dos deficientes, outra é criar condições para que eles se concretizem. É difícil encontrar pessoas dispostas a valorizarem aquilo que podemos fazer, em vez de concentrarem-se sempre nas nossas dificuldades.”

Ambiente jovem

Segundo o artista e cineasta holandês Jascha Blume, de 33 anos e sócio do bar, o local tem atraído um público jovem, como a maioria dos outros locais da cidade, conhecida pela grande concentração de estudantes universitários entre a sua população.

Em entrevista à BBC Brasil via whatsapp, Jascha, que é surdo, conta que tem recebido muitos pedidos de reserva por parte de estudantes para as festas de final de ano.

“Não é um lugar com clima de hospital ou um espaço cheio de doentes. É um espaço rico em diversidades, com muito entrosamento entre as pessoas. Realizamos shows de música, exposições de arte, cursos e várias atividades que não estão necessariamente relacionadas aos deficientes ou à acessibilidade. É um bar moderno, como outro qualquer”.

Questionado se não seria melhor que todos os lugares públicos fossem acessíveis, Jascha é categórico. “As verdadeiras barreiras são as pessoas, não os lugares. São as pessoas que criam os lugares”.

“Tudo começa com um pequeno passo”, digita em seu celular.

//NOTÍCIAS DO JUDICIÁRIO

Mantidas obrigações a escolas particulares previstas no Estatuto da Pessoa com Deficiência

Fonte: Supremo Tribunal Federal – 19/11/2015

O ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal (STF), indeferiu medida cautelar na Ação de Inconstitucionalidade (ADI) 5357, ajuizada pela Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino (Confenen) contra dispositivos do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015) que tratam de obrigações dirigidas às escolas particulares.

A Confederação requeria a suspensão da eficácia do parágrafo primeiro do artigo 28 e caput do artigo 30 da norma, que estabelecem a obrigatoriedade de as escolas privadas promoverem a inserção de pessoas com deficiência no ensino regular e prover as medidas de adaptação necessárias sem que ônus financeiro seja repassado às mensalidades, anuidades e matrículas.

Para a Confenen, a norma estabelece medidas de alto custo econômico para as escolas privadas, violando vários dispositivos constitucionais, entre eles o artigo 208, inciso III, que prevê como dever do Estado o atendimento educacional aos deficientes.

Em sua decisão, o ministro Edson Fachin explicou que diversos dispositivos da Constituição Federal, bem como a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, incorporada ao ordenamento jurídico brasileiro com status equivalente ao de emenda constitucional (rito previsto no parágrafo 3º do artigo 5º da Constituição), dispõem sobre a proteção da pessoa deficiente. Para o ministro, “ao menos neste momento processual”, a lei impugnada atendeu ao compromisso constitucional e internacional de proteção e ampliação progressiva dos direitos fundamentais e humanos das pessoas com deficiência.

“Se é certo que se prevê como dever do Estado facilitar às pessoas com deficiência sua plena e igual participação no sistema de ensino e na vida em comunidade, bem como, de outro lado, a necessária disponibilização do ensino primário gratuito e compulsório, é igualmente certo inexistir qualquer limitação da educação das pessoas com deficiência a estabelecimentos públicos ou privados que prestem o serviço público educacional”, afirmou o ministro.

Apesar de o serviço público de educação ser livre à iniciativa privada, ressaltou o relator, “não significa que os agentes econômicos que o prestam possam fazê-lo de forma ilimitada ou sem responsabilidade”. Ele explicou que a autorização e avaliação de qualidade do serviço é realizada pelo Poder Público, bem como é necessário o cumprimento das normas gerais de educação previstas, inclusive, na própria Constituição.

“Tais requisitos [inclusão das pessoas com deficiência], por mandamento constitucional, aplicam-se a todos os agentes econômicos, de modo que há verdadeiro perigo inverso na concessão da cautelar. Corre-se o risco de se criar às instituições particulares de ensino odioso privilégio do qual não se podem furtar os demais agentes econômicos. Privilégio odioso porque oficializa a discriminação”, afirmou o ministro em sua decisão.

Sobre os prejuízos econômicos alegados pela Confederação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino, o ministro disse que a Lei 13.146/2015 foi publicada em 7/7/2015 e estabeleceu prazo de 180 dias para entrar em vigor (janeiro de 2016), o que afastaria a pretensão acautelatória.

Dessa forma, o ministro Edson Fachin indeferiu a medida cautelar, por entender ausentes a plausibilidade jurídica do pedido e o perigo da demora. A decisão será submetida a referendo pelo Plenário do STF.

FS/AD

Deficiente só poderá cobrar andamento judicial mais rápido a partir de 2016

Fonte: Consultor Jurídico – 07/12/2015

A prioridade na tramitação do processo judicial vale hoje apenas para idosos e pessoas que apresentam doença grave. Deficientes só terão o mesmo direito a partir de 3 de janeiro de 2016, quando entrar em vigor o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015). Assim entendeu a juíza Priscila Faria da Silva, da 3ª Vara Cível de Taguatinga, ao rejeitar pedido de prioridade apresentado por um homem com problemas de visão.

O autor queria aplicar dispositivo da Lei 9.784/1999 que garante prioridade, “em qualquer órgão ou instância”, nos procedimentos administrativos em que figure como parte ou interessado, pessoas com deficiência física ou mental, entre outras situações.

A juíza, porém, afirmou que a regra adotada atualmente pelo Judiciário é o artigo 1.211-A do Código de Processo Civil, que não cita o caso dos deficientes. O direito a esse público foi fixado pelo artigo 9º, inciso VII, do estatuto citado, que entrará em vigor no próximo ano.

No mérito, o autor quer que empresas aéreas sejam obrigadas a emitir passagens aéreas gratuitas em até 48 horas e independentemente do trecho, horário e motivação. Isso porque a Lei 8.899/94 concede passe livre às pessoas com deficiência, comprovadamente carentes, no “sistema de transporte coletivo interestadual”. O Decreto 3.691/2000 e a Portaria Interministerial 03/2001 restringiram o benefício aos transportes terrestres e aquaviários, mas a ação alega que as normas reduziram indevidamente o alcance da lei.

A juíza negou pedido liminar para estender esse direito, por avaliar que não havia nenhum dos requisitos indispensáveis para a concessão de tutela de urgência (verossimilhança das alegações quanto o risco de lesão grave ou de difícil reparação). Ainda segundo ela, o tema “exige cautela e muita ponderação do magistrado”, sendo necessário ouvir a defesa das rés e verificar se há interesse da União em integrar a relação processual. Com informações da Assessoria de Imprensa do TJ-DF.

Clique [aqui](#) para ler a decisão.

Processo 2015.07.1.018462-5

//NOTÍCIAS DO LEGISLATIVO

Câmara aprova Semana da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla

Fonte: Agência Câmara Notícias – Lara Haje / Marcia Becker – 05/11/2015

A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou, em caráter conclusivo, o Projeto de Lei 5090/13, do deputado Eduardo Barbosa (PSDB-MG), que institui a Semana Nacional da Pessoa com Deficiência Intelectual e Múltipla, a ser comemorada de 21 a 28 de agosto de cada ano. O projeto segue para o Senado.

O objetivo da proposta é o desenvolvimento de conteúdos para conscientizar a sociedade sobre a necessidade de políticas públicas para promover a inclusão social desse segmento da população e para combater o preconceito e a discriminação.

O autor destaca que a Convenção da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que vigora no Brasil com status de norma constitucional, prevê que os Estados signatários se comprometam a adotar medidas imediatas e efetivas para conscientizar a sociedade sobre as condições das pessoas com deficiência, para fomentar o respeito por seus direitos e por sua dignidade e para combater estereótipos, preconceitos e práticas nocivas em relação a essas pessoas. Para Barbosa, a

proposta atende à recomendação do documento internacional.

O parecer do relator, deputado Betinho Gomes (PSDB-PE), foi favorável à proposta. Para ele, o projeto vai ao encontro não só da Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, como também da Constituição brasileira.

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura ‘Agência Câmara Notícias’

Comissão dispensa nova perícia em pessoas com deficiência para isenção de IPI

Fonte: Agência Câmara Notícias – Lara Haje / Marcia Becker – 15/11/2015

A Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 3696/12, do Senado Federal, que veda a exigência de novo laudo que ateste a condição de pessoa com deficiência a partir da segunda compra de automóvel com isenção do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI).

O autor do projeto, o ex-senador Pedro Taques, ressaltou que a primeira compra já requer comprovação de que a deficiência tem caráter permanente e irreversível. A proposta visa reduzir a burocracia para as novas compras.

O parecer do relator, deputado Eduardo Barbosa (PSDB-MG), foi favorável ao projeto, com complementação de voto. “Considerando que algumas pessoas com deficiência apresentam impedimentos corporais permanentes e irreversíveis, não faz sentido exigir a apresentação, a cada aquisição de um veículo, de laudos circunstanciados e a realização de perícias médicas para atestar a condição”, disse.

A complementação de voto deixa claro que o laudo apresentado da primeira e única vez será emitido por unidade de saúde pública ou privada.

O projeto altera a Lei 8.989/95, que determina a comprovação de cumprimento dos requisitos perante a Secretaria da Receita Federal do Ministério da Fazenda, em todas as compras. Pela lei, são isentas do IPI na compra de veículos as pessoas com deficiência física, visual, mental severa ou profunda, ou autistas. A lei considera pessoa com deficiência física aquela que apresenta alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, que acarrete o comprometimento da função física, incluindo paralisias, amputação, membros com deformidade congênita ou adquirida.

Tramitação

A proposta, que tramita em caráter conclusivo, será analisada agora pelas comissões de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência; de Finanças e Tributação; e de Constituição e Justiça e de Cidadania.

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura ‘Agência Câmara Notícias’

Comissão aprova isenção de tributos na compra de próteses por pessoas com deficiência

Fonte: Agência Câmara Notícias – Noéli Nobre / Marcelo Oliveira – 15/11/2015

A Comissão de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência aprovou proposta que isenta as pessoas com deficiência física, auditiva ou visual de pagar o Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e o Imposto de Importação (II) na compra de órteses e próteses. No caso do II, o benefício só valerá se não houver produtos similares fabricados no Brasil.

Conforme o Projeto de Lei 2339/15, do deputado Marcelo Squassoni

(PRB-SP), a isenção será concedida diretamente ao beneficiário ou a seu representante legal. Ainda conforme o texto, as despesas decorrentes da medida correrão à conta de dotações consignadas no orçamento da União. Se virar lei, a nova regra deverá ser regulamentada pelo Poder Executivo em 180 dias.

O relator na comissão, deputado Paulo Foletto (PSB-ES), recomendou a aprovação da matéria. Apesar de lembrar que hoje a alíquota de IPI é zero na compra de órteses e próteses, ele disse que a medida é válida.

“No caso das órteses e próteses, atualmente a alíquota de IPI é zero, e a do Imposto de Importação é de 4%. Quanto ao IPI, a isenção não faria hoje diferença no preço, mas impediria que, em algum momento no futuro, o governo federal aplicasse alguma alíquota que o aumentasse. No caso do II, a isenção do pagamento pode, sim, representar uma redução sensível no preço final desde já”, avaliou Foletto.

Ele observou ainda que há, no texto, algumas imprecisões tributárias, mas que deverão ser corrigidas pela Comissão de Finanças e Tributação.

Tramitação

O projeto tramita em caráter conclusivo e será analisado ainda pelas comissões de Finanças e Tributação (inclusive quanto ao mérito); e de Constituição e Justiça e Cidadania.

A reprodução das notícias é autorizada desde que contenha a assinatura 'Agência Câmara Notícias'